

# A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NA MORADA ORIGINAL

## THE MANIFESTATION OF THE SACRED IN THE ORIGINAL DWELLING

Mathias de Abreu Lima Filho<sup>(\*)</sup>

### Resumo

A partir de determinadas abordagens e de alguns autores, vamos procurar refletir sobre a dimensão do sagrado, do saudável, do espaço que faz sentido e do significado mais original desta unidade que é o homem e seu Cosmos. Heidegger retoma a noção de sagrado/saúde numa perspectiva ontológica, através da dimensão de *quaternidade* (*Geviert*), questionando a visão ocidental da ciência, cartesiana e mecanicista, que reflete uma vontade de poder ilimitada, sobre o nosso modo de olhar e viver o mundo. Outras tradições espirituais, particularmente no Oriente, destacam o sentido de uma unicidade fundamental na ordem natural. Assim, de fato, falamos propriamente não apenas de uma questão ecológica, mas antes disso, de um modo original de olhar e lidar com as coisas, com a natureza e com a nossa morada original (*Heimat*).

**Palavras-chave:** Sagrado. Morada. Heidegger. Quaternidade. Ciência. Taoísmo. Oikos.

### Abstract

From certain approaches and some authors, we will try to reflect on the dimension of the sacred, the healthy, the space that makes sense and the original meaning of this unity, that is man and his Cosmos. Heidegger takes up the notion of sacred / health from an ontological perspective, through the dimension of *quaternity* (*Geviert*), questioning the western view of science, cartesian and mechanistic, which reflects an unlimited will to power, about our way of looking at and living the world. Other spiritual traditions, particularly in the East, highlight the sense of a fundamental oneness in the natural order. So, in fact, we are talking not just about an ecological issue, but rather about an original way of looking and dealing with things, nature and our original home (*Heimat*).

**Keywords:** Sacred. Dwelling. Heidegger. Quaternity. Science. Taoism. Oikos.

## 1 O SAGRADO COMO SAUDÁVEL

*Onde algo cresce, é lá que deita raízes, é de lá que ele medra e prospera.  
Ambas as coisas se dão escondidas, em silêncio e no seu tempo.*<sup>1</sup>

Este tema de meio ambiente, pode ser entendido numa perspectiva ecológica, como ecossistemas físicos e biológicos, pode ser tratado como a relação do homem com a natureza, profunda e complexa, considerando o próprio homem também como natureza. Há aspectos sociais, econômicos e políticos nesta já muito estudada relação, que envolvem a vida das pessoas, do planeta, sua sobrevivência, interesse diversos, não raro contraditórios.

---

<sup>(\*)</sup> Mestre em Filosofia pela PUC-SP, graduado em psicologia e autor do livro 'A Escuta, a Espera e o Silêncio'. Reside em Bragança Paulista, onde é professor de Filosofia, História da Arte e tradutor.

**Email:** mathias.alf@gmail.com

<sup>1</sup> Heidegger. *A questão da técnica in Ensaios e Conferências* p.31

Mas, antes destes fatores, digamos mais palpáveis e frequentes, do ambiente físico da chamada natureza, mesmo que entendida como o Cosmos que nos circunda ou do qual somos parte; podemos considerar a possibilidade de outras dimensões sobre esse tema, que merecem também ser pensadas, ou até mesmo já o foram, desde que o homem surgiu.

A partir de determinadas abordagens e de alguns autores, vamos procurar refletir um pouco sobre esta dimensão do sagrado, do saudável, do espaço que faz sentido e do significado mais original desta unidade, talvez indivisível, que é o homem e seu Cosmos.<sup>2</sup>

O filósofo Martin Heidegger (1889-1976) em uma palestra de 1946, proferida em memória do vigésimo aniversário da morte do poeta Rainer Maria Rilke (1875-1926) e publicada posteriormente a partir de uma análise da indigência espiritual da Modernidadenos lembra, à guisa de consideração inicial, como o homem contemporâneo se envolve nesta era com o mundo, com suas coisas e a manifestação originária de sua dimensão sagrada.

“O salvo/integro (*das Heile*) se oculta. O mundo torna-se sem saúde (*heil-los*). Assim, não somente o Sagrado (*das Heilige*), enquanto um rastro para a divindade, permanece velado, mas também os vestígios do sagrado, do que salva, parecem apagar-se. A menos que tenhamos ainda aqui alguns mortais, capazes de perceber a ausência de saúde, como ausência de saúde em toda a sua ameaça. Eles percebem o gênero de perigo que está se mostrando, relativamente ao homem. Este perigo consiste na ameaça que concerne à essência do homem na sua relação com o próprio ser e não sobre qualquer perigo contingente. Este perigo é O perigo. Ele está escondido no abismo para todos os entes. Mas para perceber o perigo e mostrá-lo, existem esses mortais que chegam primeiro ao abismo.”<sup>3</sup>

Como comentário introdutório, vale destacar a dimensão semântica do verbo *heilen*, que na língua alemã pode significar cura, salvação, bem como manutenção da integridade ou até mesmo da totalidade. A derivada *das Heilige*, significando o Sagrado, o reverenciado, o divino e por que não lembrar, o cósmico; estabelece o sentido de um sopro que transcende a dimensão prática e cotidiana da vida, considerando-a como espiritualmente manifesta.

---

<sup>2</sup>*Cosmo ou Cosmos* - do grego κόσμος, ordem, organização, beleza, harmonia, designa o universo ordenado na totalidade das coisas.

<sup>3</sup> Heidegger, *Wozu Dichter?* in Holzwege, p. 272

Para Heidegger essa noção mais abrangente de Sagrado (*das Heilige*) está presente no discurso mítico e poético do período pré-socrático da Grécia Antiga. Ele retoma essa questão hoje, a partir de seu questionamento ontológico referente ao esquecimento do Ser e busca repensar o sentido para cada Coisa (*das Ding*), através de um significado bem diferente do elemento concreto da física tradicional ou de qualquer objeto em si.

A sua abordagem fenomenológica, considerará cada Coisa em seu caráter essencial, ontológico e sagrado. Neste sentido, essa sacralidade antes de advir de uma transcendência emanada e de outro *locus* idealizado, dá-se como fenômeno no Mundo (*die Welt*). Mundo que, de acordo com Heidegger deve ser

entendido como designação do ente na totalidade [...] não limitado ao cosmos, à natureza. Ao mundo pertence também a história. Mas mesmo a natureza e a história, no seu entrelaçamento recíproco, sobrepondo-se uma à outra, não esgotam o mundo. Nesta designação está co-implicado o fundamento do mundo, independente de como é pensada a sua referência de mundo.<sup>4</sup>

Esta perspectiva de dimensão sagrada não se refere a algo especial ou até mesmo divino, tal como entendemos no sentido de *Sacrum*, referente aos deuses estabelecidos ou algo em seu poder, mas é a manifestação “saudável” da coisa em sua dimensão mesma, da coisa em si, ontológica, essencial.

Mircea Eliade (1907-1986), em *O Sagrado e o Profano*, de 1957, comenta também:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado propusemos o termo *hierofania*<sup>5</sup>. Este termo é cômodo, pois não implica qualquer precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela.<sup>6</sup>

Disto podemos ressaltar inicialmente duas ideias importantes, que podem ser consideradas para comentários posteriores, relativas à dimensão do Sagrado e das Coisas da Terra: - a noção de saúde (em sentido amplo) e a noção de revelação.

A percepção da manifestação do Sagrado, pode assim ser entendida como tendo alguma relação com a saúde do homem. Assim, quando esta dimensão fica historicamente velada, “o mundo torna-se sem saúde”.

---

<sup>4</sup> Heidegger, *Die ZeitdesWeltbildes* in **Holzwege**, p. 82

<sup>5</sup> *Hierofania* – revelação do sagrado, do grego *hieros*(ἱερός) sagrado e *faneia*(φαίνειν) manifestação

<sup>6</sup> Eliade, **O Sagrado e o Profano**, p.15

Considerada a noção de Mundo (*Welt*) como sendo os entes como um todo, a comunidade dos homens ou a vida dos homens em relação aos entes como um todo, segundo Heidegger um Perigo ronda o Mundo, na forma de vida atual dos homens em relação aos entes como um todo. Esse Perigo é mencionado como a ausência ou o velamento, encobrimento da compreensão, da saúde. O perigo de que o homem perceba a si lançado no vazio de sentido, no qual não há elementos nítidos nos quais ele possa se agarrar. Mas qual seria, efetivamente, a noção que ele pretende atribuir a esse Perigo?

Quando Francis Bacon (1561-1626), considerado por alguns como o fundador da ciência moderna, nos diz que “todos os problemas humanos serão equacionados pela dominação técnica da natureza e pela mudança do astro Terra.”<sup>7</sup>, reafirma que o nosso destino técnico, exuberante e funcional, vai se estabelecer a partir de um determinado tipo de saber, característico da Modernidade, que chamamos de Ciência.

Nossa realidade atual contemporânea é regida, antes dos sistemas políticos e econômicos, por aquilo que se denomina pensamento da ciência europeia ocidental, que desenvolveu historicamente um poder que não pode ser comparado a qualquer outro, ampliando-se por todos os espaços do nosso planeta.

Para Heidegger, a Ciência (*ἐπιστήμη*) fundamenta-se na história da Metafísica<sup>8</sup>, que através de seu fio condutor histórico (Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, etc.) assentou os princípios e conceitos que são a base de referência das ciências tal qual as conhecemos hoje.

Isto pode ser observado por alguns exemplos conceituais como: a dualidade do sensível e do inteligível em Platão, a definição do homem como animal racional (*zoonlogonechon*) de Aristóteles, privilegiando a dimensão da razão como ferramenta distinta e útil, ou então no conceito de *Cogito*, quando Descartes já no século XVII, nos fala de uma coisa “de dentro” que pensa o fora (*res cogitans*) e de uma outra coisa “de fora” que pode ser medida e operada pelo homem (*res extensa*).

[...] a ciência, o saber da técnica, segundo a compreensão de Heidegger, representa, inequivocamente, através da visão de natureza objetivada, da representação do mundo, da manipulação distante das coisas exclusivamente como entre e de uma linguagem rigorosamente de informação, o próprio acabamento superlativo da metafísica, circunscrito nessa época da Modernidade.

<sup>7</sup> Francis Bacon, citação de B. Nunes, **Colóquio Heidegger** PUC-SP nov 1995

<sup>8</sup> *Metafísica* (*μετα* - além de, *Φυσις* - natureza) – disciplina fundamental da Filosofia, proposta por Aristóteles (sec. IV a.C.), que se ocupa das causas primeiras das coisas (*ens*) e a partir da Idade Média, procura descrever fundamentos, leis, causas e princípios da natureza e da realidade.

As características dessa forma de saber determinarão a maneira pela qual o homem vai olhar o mundo e coabitá-lo.<sup>9</sup>

Essa visão de mundo cartesiana e mecanicista tem refletido uma vontade de poder quase ilimitada através das ciências e, combinada com a economia e a política, sobre o modo de vida das pessoas no mundo. O processo de reduzir fenômenos complexos em componentes básicos e pesquisar os mecanismos da interação destes componentes, ganhou raízes na nossa cultura e tem quase que exclusivamente regido todos os nossos métodos científicos, com algumas poucas exceções mais atuais.

O físico Fritjof Capra (1979- ), em seu conhecido livro *O Ponto de Mutação*, comenta de forma detalhada esta concepção mecanicista da vida e da ciência, através de exemplos relativos à física, às ciências biológicas, a psicologia e até mesmo à economia.

As posições, reflexões e eventuais conceitos diferentes dessa matriz histórica, que não consigam se ajustar à essa estrutura, não são levados à sério e são desprezados de forma reducionista. Isto contribui para um engessamento da nossa cultura e propõe uma visão de mundo e estilo de vida fragmentados, que Capra chama do lado sombrio do conhecimento (1982, p. 226):

A afirmação de que uma visão fragmentada do mundo é também doentia não surpreenderá os leitores anglo-saxônicos, tendo em vista a estreita conexão entre *health* (saúde) e *whole* (todo, conjunto). Ambas as palavras, assim como *hale* (robusto), *heal* (curar) e *holy* (sagrado), derivam da raiz *hal* do inglês antigo, que significa sólido, íntegro e saudável. Com efeito, a experiência de nos sentirmos saudáveis (*healthy*) envolve a sensação de integridade física psicológica e espiritual, um sentimento de equilíbrio entre os vários componentes do organismo e entre o organismo e seu meio ambiente. Essa sensação de integridade e equilíbrio perdeu-se em nossa cultura. A visão fragmentada, mecanicista do mundo, que se estendeu por toda parte e o sistema de valores unilateral ... que constitui a base dessa visão de mundo, redundaram num profundo desequilíbrio cultural e geraram numerosos sintomas doentios.

## 2 UM MEIO AMBIENTE OCIDENTAL

Algumas dessas referências comentadas podem nos ajudar a compreender como a questão do meio ambiente, diferentemente de ser abordada apenas como uma questão econômica ou política, pode ter fundamentos bem mais profundos, relacionados à história do pensamento ocidental, que moldou um olhar interveniente e com o indevido distanciamento objetual das coisas. A ciência prescreve e recomenda mesmo este

---

<sup>9</sup> Abreu Lima, **A Escuta, a Espera e o Silêncio** p.77

distanciamento, como uma proteção metodológica à contaminação pessoal e contextual no processo de conhecimento científico do mundo e de suas coisas.

A ciência se articulará, então, a partir dessa dimensão de verdade: - as coisas serão objetos e os homens sujeitos. Essa dualidade cindida será a marca do pensamento ocidental. Uma dualidade que empresta a face humana do sujeito aos objetos, um rigor que antes de mostrar, encobre; onde as coisas impedidas de se mostrar como são em si, escondem os sinais de seus mistérios, cujas manifestações pressupõe uma unidade não subjetiva com o mundo, mas sim totalizante. Essa visão técnica da ciência nos tem impedido de reverenciar e consagrar devidamente as coisas e o mundo.

A palavra mística significa aquilo que está vedado, oculto (do grego *μυστικός*, *mystikos*, segredo), e vem nos trazer a fala de uma realidade ou de um conhecimento que vai além da nossa limitada compreensão racional ou técnica. Uma característica interessante dos místicos, de todas as crenças (cristãos, judeus, muçulmanos, etc..), na sua forma de trabalhar e interpretar esses mistérios é buscar um olhar que vislumbre de imediato uma união transcendente com o Sagrado, ou seja, uma realidade essencial que não é interpelada, mas antes manifestada espontaneamente. Outra característica é o que se pode chamar de *visão una*, ou seja, uma visão de mundo em que não há oposição e divisão em nada, entre certo e errado, entre bem e mal, uma compreensão não aristotélica e não linear de tempo, que permite e aceita que as temporalidades se entrecruzem naturalmente.

Embora místico seja aquele que busca uma unidade com o Cósmico, a Natureza, o Absoluto, para a ciência ocidental tradicional, ele é reduzido ao estereótipo do personagem que vive num mundo confuso, povoado de fantasias, delírios e visões, alguém que sem fatos plausíveis e argumentos lógicos, nega qualquer outra realidade além da sua. Mas, na verdade, a dimensão de conhecimento místico, no sentido de ter uma outra compreensão mais clara no mundo atual, pode ser uma forma distinta e mais aberta às manifestações do ser, de uma dada realidade última, através da compreensão holística do mundo, diferente da ciência acadêmica.

Esta e outras formas totalizantes, não objetais de olhar para a realidade, o mundo ou a natureza, que provocam mal-estar na comunidade científica, particularmente ocidental, são menos estranhas para o pensamento oriental, como por exemplo o hinduísmo, o budismo ou o taoísmo. Como percebemos neste texto do próprio Capra, que aponta em seu livro também várias dificuldades concretas neste caminho, no âmbito da saúde, meio ambiente, escassez de matéria-prima, fertilizantes, etc.. (1982):

A noção chinesa do corpo como um sistema indivisível de componentes inter-relacionados está, obviamente, muito mais próxima de alguma moderna abordagem sistêmica do que do modelo cartesiano clássico; ... pelo fato dos chineses verem a rede de relações que estudavam como algo intrinsecamente dinâmico. O organismo individual, à semelhança do cosmo como um todo, era visto como parte de um estado de contínuas, múltiplas e interdependentes flutuações, cujos padrões eram descritos em termos do fluxo de *ch'i*.<sup>10</sup> O conceito de *ch'i*, que desempenhou importante papel em quase todas as escolas chinesas de filosofia natural, subentende uma concepção inteiramente dinâmica da realidade. A palavra que significa literalmente “gás” ou “éter”, era usada na antiga China para significar a energia ou o sopro vital que anima o cosmos. .... O fluxo de *ch'i* mantém um organismo vivo; os desequilíbrios e portanto as doenças, ocorrem quando o *ch'i* não circula adequadamente.<sup>11</sup>

A compreensão de um sistema indivisível, uma totalidade uma e mesmo a noção de uma *energia vital* que perpassa toda a natureza (como o *prana*<sup>12</sup>, no hinduísmo), são formas de olhar para a nossa realidade cósmica, bem diferentes da visão reducionista e determinista que nossa cultura ainda mantém sobre o Mundo. Como será que a nossa visão sobre meio ambiente poderia ganhar outros contornos, numa perspectiva efetivamente *out of the box*, através de um outro paradigma ???!

Ainda destacando alguns exemplos de formas de olhar a realidade, que tangenciam o Perigodo qual Heidegger nos avisa, vale a pena lembrar, para ampliar ainda um pouco mais esse conceito de mundo (antes de retomarmos propriamente o entendimento sobre o *Oikos*, essência da Ecologia, oikos+logos), a noção do que este pensador chama de *Geviert* (quadratura), como uma imagem simbólica e poética da dinâmica mundanal, entre a terra, o céu, as divindades e os mortais.

As coisas, o termo *Coisa*, dentro do pensamento na filosofia ocidental, tem as suas significações usuais muito desgastadas. Essas não nos ajudam a pensar e mesmo experienciar a sua vigência ontológica como Coisa.

Uma jarra, por exemplo, é uma coisa, porém coisa não apenas no sentido de *res* dos romanos, e nem no sentido de *ens* da Idade Média, menos ainda de um *objeto* como é representado na Idade Moderna.

<sup>10</sup> O CH'I é um conceito da tradição chinesa, entendido como uma força cósmica que cria e permeia todo o Universo.

<sup>11</sup> Capra, F. **O ponto de mutação** p. 307/8

<sup>12</sup> *Prana* (em sânscrito *sopro de vida*) segundo os *Upanishad*, é a energia vital universal que permeia o cosmo, absorvida pelos seres vivos no ar que respiramos.

Enquanto coisa, não como objeto produzido ou representado, é uma coisa enquanto algo que reúne e recolhe numa unidade, por exemplo, algumas diferenças como receptáculo e recipiente.

Ao encher a jarra, o líquido vaza<sup>13</sup> para dentro da jarra vazia. O vazio é o recipiente do receptáculo. O vazio, o nada na jarra, é o que faz a jarra ser um receptáculo, que recebe. O vazio recebe, acolhe o que nele se vaza. Mas o vaziar da jarra é doar. É no doar da vaza que vive e revigora o recipiente do receptáculo (a coisidade da coisa)<sup>14</sup>

Na água doada permanece a fonte, todo conjunto das pedras e todo o adormecimento obscuro da terra, que recebe água e orvalho do céu. Na vigência da jarra, perduram também o céu e a terra. A doação da vaza é bebida para os mortais. É ela que refresca a sede. Mas, às vezes, o dom da jarra se doa na e para a consagração. Então a vaza se torna uma poção dedicada aos imortais, num sentido próprio.

Na doação da vaza, no sentido da bebida, vivem a seu modo, os mortais. Na doação da vaza, entendida como oferenda, vivem a seu modo, os imortais, que recebem, de volta na doação da oferta, a doação da dádiva. Na doação da vaza, vivem cada qual de modo diferente, os mortais e imortais. Na doação da vaza, vivem terra e céu. Na doação da vaza vivem, *em conjunto*, terra e céu, mortais e imortais. Os quatro pertencem, a partir de sua união, a uma conjunção. Na doação da vaza do jarro, vive a simplicidade dos quatro. É neste recolhimento de uma simplicidade múltipla de conjunção, que vive a vigência e o vigor da Coisa jarra.<sup>15</sup>

Unindo-se por si mesmo uns com os outros, céu e terra, mortais e imortais pertencem, em conjunto, à simplicidade da quadratura da reunião. Dá-se o nome de mundo a este jogo de espelhos, onde apropriamos a simplicidade de terra e céu, de mortais e imortais.<sup>16</sup>

Assim sendo, pensar o sentido da coisa, enquanto coisa mesma, no seu vigor pleno de sentido, não como um objeto à serviço de um sujeito, significa deixar a coisa acontecer em sua vigência própria, no mundo. Assim, as coisas podem chegar até nós como tal, através de um passo atrás, que nos distancie de um pensamento de representação e classificação explicativa para o pensamento meditativo, que pensa o sentido da coisa e do mundo.

A terra, o céu, a condição mortal do homem e a presença indireta dos imortais, essa é a moldura da quadratura, que circunda o mundo e as coisas. Assim, qualquer coisa ou elemento do Mundo poderá manifestar os sentidos desta dimensão de *quaternidade* (*Geviert*), que amplia, ressignifica e faz transcender a nossa compreensão das coisas e do mundo.

<sup>13</sup>Vazar – como entornar, esvaziar.

<sup>14</sup> Heidegger. *A Coisa in Ensaios e Conferências* p. 147/9

<sup>15</sup> Heidegger. *A Coisa in Ensaios e Conferências* p. 150/1

<sup>16</sup> Heidegger. *A coisa in Ensaios e Conferências* p. 156/7

Nada mais apropriado a meu ver, para uma visão de meio ambiente, do que pensá-lo como algo que além de terreno com mato, produtivo ou não, de águas, poluídas ou não, etc., possa também ter um ‘outro’ sentido que esbarra na terra, obscura fonte das energias vitais, no céu, cosmo infinito que pode trazer a dimensão sagrada, nos mortais que aqui vivem como elemento intrínseco ao cosmos, e nos imortais que podem ampliar e dignificar esse sentido que atribuímos à essa dimensão tão concreta quanto sutil, da vida na natureza.

Na singela doação do escoamento da água da jarra, vive a simplicidade dos quatro e na singela manifestação de cada coisa da natureza, vive também a simplicidade dos quatro.

Aqui, (neste âmbito) tudo é caminho de um co-responder que escuta e questiona. Todo caminho corre o perigo de desencaminhar-se. Para percorrer tais caminhos é preciso exercitar o passo. Exercício pede trabalho, trabalho de mãos. Permaneça no caminho da autêntica necessidade e aprenda, nesse estar errante a caminho, o trabalho do pensamento, que é um trabalho de mãos.<sup>17</sup>

Uma compreensão diferente, que pode possibilitar um outro olhar para essa realidade contemporânea, segundo Heidegger, implica na perspectiva de respeito às coisas em sua vigência essencial. Se perdermos essa visão poética, no sentido da *poiesis*<sup>18</sup> do universo, perderemos uma dimensão de conhecimento e compreensão interiores que nos define profundamente como homens. Ou seja, resgatar a nobreza do ser da coisa ou do mundo, é também resgatar o que constitui a essência do homem, devolver a ele a profundidade e densidade do mundo.

Mas, o olhar poético está sujeito à inspiração divina, relacionada intimamente com a “natureza”, ou seja, o lugar onde a vida se manifesta para as almas sensíveis, quando arrebatadas pelo divino. A manifestação divina propicia que a criação humana seja forjada pela sabedoria, embelezando o trabalho e educando as gerações.

### 3 HABITAR O MEIO AMBIENTE

O termo *Ökologie* foi proposto em 1869 pelo naturalista e filósofo Ernst Heckel, a partir das expressões do grego *oikos* (casa, vivenda, lar) e *logos* (estudo ou tratado), assim ecologia significaria “o estudo do lugar de habitação”.

---

<sup>17</sup> Heidegger. *A coisa in Ensaio e Conferências* p. 163

<sup>18</sup> *Poiesis* é um termo grego que significa criação ou produção, derivado do *poieo* (ποιέω), fazer ou criar. Platão entende *poiesis* como todo processo criativo, uma forma de conhecimento e também de expressão.

Para Heidegger, os lugares em que as coisas se manifestam, se mostram, é onde se encontra a habitação humana. O que podemos considerar da relação originária entre lugar e habitação? O que significa habitar?

A palavra *wuniam* do gótico (língua germânica extinta), significa permanecer (demorar-se), mas esclarece o modo dessa experiência de permanecer. *Wunian* diz: ser e estar em paz.

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, significa permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, preservar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é essa preservação. A preservação perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra ainda que nos dispomos a pensar nisto, que ser homem consiste em habitar, no sentido da permanência dos mortais sobre essa terra.<sup>19</sup>

Habitar a terra significa salvá-la, no sentido de permitir a manifestação das coisas da terra, o regresso ao sentido de seu ser. Salvar a terra certamente é algo muito diferente do que explorá-la, esgotá-la, ou subjugará-la aos mais variados caprichos e interesses.

Os homens habitam quando acolhem o céu, tal como ele é, isto é, deixam ao sol, à lua, aos astros, o curso que a cada um lhes é devido: às estações do ano o que lhes é próprio, as chuvas, as flores, o frio, os ventos, os frutos. Respeitar o que é do dia, respeitar o que é da noite. Os homens habitam quando esperam o divino (o Sagrado) naquilo que lhes é próprio: os seus sinais. Eles esperam as manifestações de sua vinda e, num tempo de indigência espiritual como o nosso, não fazem ouvidos de mercador diante da falta que eles fazem, e menos ainda, procuram substituí-los por si mesmos ou por ídolos ocasionais.<sup>20</sup>

Os homens quando protegem e cuidam das coisas, eles habitam, isto é, “são” homens, e assim fundam a sua permanência no lugar de sua origem, próximos da familiaridade, da proteção e da liberdade. Este exemplo a seguir nos mostra a construção que habita e que manifesta o sentido da habitação em sua dimensão de *eikos*, lugar de habitação, da permanência familiar.

Pensemos por um momento numa moradia camponesa na Floresta Negra, na qual um certo modo de ‘habitar’ camponês sabia ser construído há duzentos anos. O que edificou a casa foi a permanência da capacidade de deixar terra e céu, divinos e mortais advirem nas coisas. Esta capacidade colocou a casa na encostada montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre os prados e perto da fonte.

Essa capacidade deu ao telhado de madeira o amplo vão, a inclinação íngreme de suas águas para suportar o peso da neve e proteger os cômodos contra as tormentas das longas noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório, o ‘canto do Senhor Deus’

<sup>19</sup> Heidegger. *Construir, habitar, pensar in Ensaios e Conferências* p. 129

<sup>20</sup> Michelazzo. *Do um como princípio ao dois como unidade* p.191

atrás da mesa comensal. Dispôs nos quartos os lugares sagrados que são o berço da criança e a ‘árvore dos mortos’, expressão usada ali como caixão. Deu espaço a vários quartos, prefigurando assim, sob um mesmo teto, as várias idades de uma vida, no curso do tempo. Um ofício, nascido ele mesmo do ‘habitar’, que ainda faz uso de suas ferramentas e instrumentos como coisas, para construir uma moradia.<sup>21</sup>

Há neste exemplo, uma demonstração inequívoca de inversão da concepção frequentemente usada hoje por nós na construção, um projeto de condições basicamente espaciais para a execução da habitação. Aqui, nesta moradia, acontece o contrário, “somente quando podemos habitar é que nós podemos construir”.<sup>22</sup> Pensar, em sua essência é habitar, no sentido de recolher, repousar, acolher, guardar e proteger. Esta totalidade dialogal homem-mundo é ampliada pela coisa, a mediadora que manifesta os espaços enquanto lugares, que reúnem e retém o sentido dessa quaternidade: céu, terra, mortais e imortais.

O Sagrado, que como vimos, também é a saúde santificada, nos indica que a dimensão sacra da natureza, reside na manifestação visível deste sagrado, da natureza e mundo, de salvar as coisas, ou seja, ligar, integrar as coisas numa intimidade familiar, numa unidade uníssona. Todo espaço vital é sacro.

E é nesta intimidade das coisas no interior do real que se esconde a harmonia, a unidade do *hén*<sup>23</sup>, aquele uno que os antigos contemplaram provavelmente na riqueza da sua simplicidade e que permanece impenetrável para os seus pósteros.

Temos que recordar sempre o fragmento 123 de Heráclito que nos lembra de que: - “A verdadeira natureza das coisas gosta de se esconder.”<sup>24</sup>

#### 4 OUTRO MODO DE HABITAR

Um outro modo de habitar o espaço vital, respeitando e permitindo a presença de uma sacralidade sadia e significativa que traga um sentido e transcenda nosso olhar físico e mecanicista para a amplitude total de uma determinada visão sistêmica, pode ser um caminho a ser compreendido e descoberto pelo homem do século XXI.

---

<sup>21</sup> Heidegger. *Construir, habitar, pensar* in **Ensaio e Conferências** p. 139

<sup>22</sup> Heidegger. *Construir, habitar, pensar* in **Ensaio e Conferências** p. 139

<sup>23</sup> Heráclito – Os pensadores originários p.70/1 *hén panta einai* (ἐν πάντα εἶναι) Tudo é um.

<sup>24</sup> Heráclito – Os Pensadores Originários, p.91

Este caminho poderá refletir um estado de espírito ou um grau de consciência, que eleve como uma ascese planetária a compreensão do *oikós* (da habitação planetária) acima de uma compreensão matemática esimplista de espaço e tempo.

Esta compreensão, em sua transcendência eivada de riqueza e colorido, deverá ser inaugurada por um pensamento meditativo que vá mais além do que a mensuração científica ou financeira.

Quando o conceito de vida é compreendido como consciência intuitiva da unicidade e interdependência de suas múltiplas manifestações em seus vários ciclos de mudança e transformação, e o conceito de espírito humano se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a verdadeira consciência ecológica é verdadeiramente espiritual.

Fritof Capra acentua esta visão, contribuindo para resgatar essa dimensão de espiritualidade à ecologia:

A estrutura filosófica e espiritual da ecologia profunda não é algo inteiramente novo, mas foi exposta muitas vezes ao longo da história humana. Entre as grandes tradições espirituais, o taoísmo oferece uma das mais profundas e belas expressões de sabedoria ecológica<sup>25</sup>, ao enfatizar a unicidade fundamental e a natureza dinâmica de todos os fenômenos naturais e sociais. Assim, está no Uain-nan-tseu<sup>26</sup>: - ‘Aqueles que seguem a ordem natural, fluem na corrente do Tao’.<sup>27</sup>

Mais ou menos na mesma época em que estes princípios ‘ecológicos’ eram considerados pelos antigos sábios taoistas, havia no Ocidente uma filosofia por um lado diferente e por outro semelhante à ideia de fluxo e mudança, ensinada por Heráclito em Éfeso, na Ásia Menor. A célebre frase de Heráclito *panta rei os potemós* (πάντα ῥεῖ), pode ser traduzida como “tudo flui como um rio” e a partir da qual a tradição filosófica ocidental sintetizou seu pensamento com o tema do devir.

Capra relembra que na Idade Média, o místico cristão Francisco de Assis apresentou algumas posições e uma dada ética que seriam profundamente ecológicas e também questionavam, em certo sentido, a concepção judaico-cristã tradicional de homem e de natureza. E nos lembra que esse pensamento alternativo ao fluxo de pensamento da filosofia ocidental pode ser também observado, na opinião de alguns comentadores, na obra de Baruch Spinoza e Martin Heidegger.

<sup>25</sup> CAPRA. **O Tao da Física** – Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental.

<sup>26</sup> *Huai-nan tzu* – Literalmente ‘mestres de Huai-nan’ é um livro clássico da filosofia chinesa escrito na dinastia Han, cerca de 139 a.C.

<sup>27</sup> CAPRA. **O Ponto de Mutação**, p. 403

Talvez um pouco além do que poderíamos considerar apenas como um movimento de massificação, de interesse econômico, uma tendência materialista, ou uma tendência de maquinização através de instrumentos de todo tipo; o elemento mais fundamental deste nosso momento histórico refere-se à exclusividade hegemônica de um modo único de “desencobrimento” (*Unverborgenheit*) do mundo. Esta disposição produtiva da Modernidade confere ao destino humano uma direção de “mão única” para se viver, para acercar-se de tudo, de tal modo que a misteriosa abertura da condição humana se reduz a um único e uniforme modo de olhar a vida, abandonando o mistério profundo do ser, a sua dimensão encoberta que mostra, vela, entremostra e esconde. Condiicionados a uma vida superficial, ávida de materialidade, praticamente nos apartamos desta dimensão também humana, mais densa de sentido e gravidade.

Podemos perceber de que não se trata apenas de uma questão ecológica, ou ambiental, mas antes disso, de um modo particular, histórico, de olhar e lidar com as coisas, com a natureza e com o próprio mundo.

Se continuarmos a estar junto às coisas unicamente dessa forma, vamos nos posicionar sempre fora da natureza, vamos imaginar que podemos interferir e controlá-la, daremos justificativas econômicas e científicas para ações e omissões, relativas à geografia e aos fenômenos climáticos e bioquímicos do Cosmos, etc., etc.. Sempre andando em círculos, dando volta sobre os mesmos argumentos, muitos deles sem dúvida bem fundamentados e corretos em sua perspectiva, certamente, mas presos inevitavelmente à um mesmo modo de olhar a questão.

O homem está superando as longitudes mais afastadas no menor espaço de tempo. Está deixando para trás de si as maiores distâncias e pondo tudo isso diante de si na menor distância. E no entanto, a supressão apressada de todo distanciamento, não lhe traz proximidade.<sup>28</sup>

A aproximação física ou simultânea de algo, ou seja, sua distância mensurável ou até mesmo conceitual, não nos deixa mais próximos dele, compreendendo-o melhor ou mesmo estando junto dele. Será que conseguiríamos perceber e compreender um outro modo de estar com as coisas, com as montanhas, com as águas, com o espaço sideral e com os seres múltiplos que “habitam” conosco este *oikos*?!

---

<sup>28</sup> HEIDEGGER. *A Coisa* in **Ensaio e Conferências**, p.143

Será que conseguiríamos nos aproximar das coisas com a isenção de intenções puramente funcionais, talvez com a pureza de uma criança ou de um animal irracional ?! E talvez assim, quem sabe, “obedecê-las” !! Exercer de forma dócil a obediência de uma aproximação sem assimetria, sem sinais de poder e com um ‘outro’ pensamento !!

O pensamento oriental, assim como as crianças, acredita que sim. Há um célebre *koan*<sup>29</sup> zen que nos diz:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas eram montanhas e os rios eram rios. Depois que conheci o Zen, as montanhas deixaram de ser montanhas e os rios deixaram de ser rios.

Mas, quando compreendi o Zen, as montanhas voltaram a ser montanhas e os rios voltaram a ser rios.

Este texto aparentemente sem sentido, nos mostra algo muito importante. Na verdade, as montanhas e os rios tal como eram vistos e considerados em confronto com uma outra visão, uma outra forma de estar com eles, deixaram de ser os mesmos. Mas, o que diz o texto, é que de fato, recobrou-se a mais pura essência destas coisas, as montanhas e os rios, através de uma mudança profunda e efetiva do modo de ser, de olhar, e principalmente de estar junto à estas coisas sem alguma intenção. Este olhar pode nos mostrar como elas de fato são, na sua simplicidade. Talvez seja disso que estejamos falando.

Cada etapa historial, molda os mortais e cumpre seus propósitos. Assim, teremos sempre uma dada concepção de homem e destino, um dado modo de pensar o mundo que também desenha uma dada feição para as escolhas dos homens. Cada momento é preparado e disposto aos mortais pelo próprio destino do ser. O destino é sempre um contínuo enviar de sentido e de compreensão da vida e do mundo.

O texto de Heidegger, “De uma Conversa sobre a Linguagem entre um Japonês e um Pensador”, de 1953-4, escrito por ocasião da visita do professor Tezuka da Universidade Real de Tóquio e incluído na obra ‘A Caminho da Linguagem’, ele nos fala deste outro caminho:

Na medida em que consigo acompanhar o que o senhor está dizendo, pressinto um profundo parentesco velado com o meu pensamento e até mesmo porque o caminho de seu pensamento e sua linguagem são tão diferentes.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> *Koan* – questão ou afirmação no Zen Budismo que contém aspectos inacessíveis à razão, pois seu objetivo é propiciar alguma iluminação espiritual ao praticante.

<sup>30</sup> HEIDEGGER. De uma conversa sobre a linguagem ... in **A caminho da linguagem**, p.107

O pensador admite um ‘profundo parentesco velado’ entre o caminho do pensamento do Oriente Asiático e de suas próprias tentativas de pensamento, mas permanece silencioso quanto ao sentido da questão do Ser, seu próprio percurso, estar de acordo com o espírito e as doutrinas do Tao.<sup>31</sup>

Para nós, esta afinidade apenas reafirma o apontamento para esse “outro” modo de olhar para as coisas, a natureza, o mundo e o próprio ser humano, diferente deste que estabelecemos há 2500 anos, desde a Grécia, no percurso do pensamento do Ocidente.

Se pretendemos desvelar uma “outra” dimensão da natureza, compreender realmente algum sentido mais profundo, que tangencie essa dimensão “saudável” do Sagrado, há que buscar uma vida que não seja a tecnológica, a interveniente, que empobrece e reduz a magnitude sacra das suas coisas. Sagrado no sentido da propensão humana em buscar significado para a sua vida por meio de conceitos que transcendem o tangível, a procurar um sentido de conexão com algo maior que a si próprio. Essa espiritualidade pode ou não estar ligada a uma vivência religiosa, porém traduz o modo de viver característico de um crente que busca alcançar a plenitude da sua relação dialógica com o que há de transcendente no Cosmos.

Em conclusão, o caminho para “um outro modo de habitar”, a possibilidade de uma outra forma de desvelamento, de estar junto com a natureza; nos permitirá tratar de questões ecológicas reais com outro fundamento, e nem por isso menos místicas, misteriosas ou verdadeiras, em uma dada medida. Isto irá requerer de nós, dessa nova geração que tem pressentido muitas novas maneiras de lidar com a realidade, no âmbito social, político e cultural, de pensamento das coisas, com novas posturas; uma abertura para olhares que possam incluir a poesia, outros pensamento da antiguidade, de outras regiões e outras formas absolutamente inéditas de aproximação com a nossa habitação maior, o nosso *oikos*, o nosso *Heimat*,<sup>32</sup> a nossa Terra, ela também indissociavelmente ligada à um Cosmos maior e infinito, que multiplica a dimensão do nosso mistério.

Terminamos com essa poesia de Friedrich Hölderlin:

---

<sup>31</sup> MAY. **Heidegger’s hidden sources** p. 46

<sup>32</sup> *Heimat*, expressão que em seu sentido habitual significa terra de origem, pátria, lugar de nascimento, mas em seu sentido mais profundo fala do lugar onde me sinto “em casa”, lugar de familiaridade onde não estranho nada, lugar que me é mais próprio, um lugar de acolhimento. Ver Heidegger, **700 anos de Messkirch e Qu’apelle-t-on penser?**

*Quando dos homens a vida habitante avança longe,  
onde o tempo das vinhas brilha ao longe,  
e onde há também campos vazios de verão,  
a floresta aparece com sua imagem obscura.*

*Que a natureza faça brilhar a imagem dos tempos,  
e que ela permaneça enquanto estes passam tão rápido.  
Tudo é obra da plenitude, o alto do céu brilhar assim  
para o homem, como árvores coroadas de frutos.<sup>33</sup>*

## REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. WozuDichter e Die ZeitdesWeltbildes In **Holzwege**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1952
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica, Construir habitar, pensar, A Coisa, “...poeticamente o homem habita...” In **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes 2002
- HEIDEGGER, Martin. De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. In: **A caminho da linguagem**. Petrópolis Vozes 2002
- HEIDEGGER, Martin. “700 anos de Messkirch”. In **Gesamtausgabe**. Band 16. Frankfurt am Main Vittorio Klostermann, 2000
- HEIDEGGER, Martin. **Qu’appelle-t-on penser?** Paris: PressesUniversitaires de France 1983
- ABREU LIMAFº, Mathias. **A escuta, a espera e o silêncio**. São Paulo: Educ- Fapesp, 2011.
- ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. São Paulo: Vozes, 1991.
- CAPRA, FRITJOF. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CAPRA, FRITJOF. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MAY, Reinhard. **Heidegger’s hidden sources – Eastasian influences on his work**. London: Routledge, 1996.
- MICHELAZZO, José Carlos. **Do um como princípio ao dois como unidade**. São Paulo: AnnaBlume – FAPESP, 1999.

(Recebido em fevereiro de 2020; aceito em março de 2020)

<sup>33</sup>Hölderlin. *Mirante* “...poeticamente o homem habita ...” in **Ensaio e Conferências**, p. 180